

JACQUES LACAN
L'INSU-QUE-SAIT DE L'UNE-BÉVUE S'AILE À MOURRE
SEMINÁRIO DE 19 DE ABRIL DE 1977
RUMO A UM SIGNIFICANTE NOVO – II – A VARIDADE DO SINTOMA
Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller

Peço desculpas, estou com dor nas costas, o que não me deixa ficar de pé. Mas quando estou sentado também dói. Não é uma razão, porque não se sabe o que é intencional, para que se lucubre o que é suposto ao ser.

O eu, assim designado na segunda tópica de Freud, é suposto ter intenções, pelo fato de que se lhe atribui o que ele tagarela, e que se chama seu dizer. Ele diz, com efeito, e diz imperativamente. É pelo menos assim que ele começa a se exprimir, pelo imperativo, que apoiei no significante índice 2 com o qual defini o sujeito. Eu disse que um significante era o que representava o sujeito para um outro significante. No caso do imperativo, é aquele que escuta quem, por isso, torna-se sujeito. Não é que aquele que profere não se torne, ele também, incidentalmente sujeito.

Eu gostaria - não há em psicanálise senão esse *eu gostaria* - eu gostaria de chamar atenção sobre algo.

O psicanalista - sou evidentemente um psicanalista que tem um pouco mais de cancha - o psicanalista, no ponto em que cheguei, depende da leitura que faz do seu analisante, daquilo que ele lhe diz em termos próprios, acredita lhe dizer. Isto quer dizer que tudo que o psicanalista escuta não pode ser tomado ao pé da letra.

Desta letra, da qual este pé indica os pés no chão, metáfora, metáfora *rasteira* (*piètre*), o que cai bem com o pé (*piéd*) - já disse da tendência que ela tem de encontrar o real. É seu negócio, o real em minha notação sendo o que é impossível de encontrar. O que seu analisante, do analista em questão, acredita lhe dizer, não tem nada a ver - Freud se apercebeu disso - com a verdade. Contudo é preciso pensar que acreditar já é alguma coisa que existe. O analisante diz o que ele crê verdadeiro. O que o analista sabe, é que ele não fala a não ser ao lado do verdadeiro, porque o verdadeiro, ele o ignora. Freud delira aí justamente o que é preciso. Pois ele imagina que o verdadeiro é o núcleo traumático. É assim que ele se exprime formalmente. Este tal núcleo não tem existência - não há... , como fiz observar invocando meu neto, que a aprendizagem que o sujeito teve de uma língua dentre outras, que é para ele alíngua, na esperança de *ferrar, ela, (ferrer, elle)*, alíngua, o que equivoca com *fazer real (faire-réel)*.

Alíngua, qualquer que seja, é uma obscenidade, o que Freud designa - desculpem-me também o equívoco - de *obrecena (obrescène)*, da outra cena que a linguagem ocupa por sua estrutura, estrutura elementar que se resume àquela do parentesco.

Um tal de Rodney Needham, que não é o Needham que se ocupou com tanto cuidado da ciência chinesa, imagina fazer melhor que os outros, observando, aliás com justa razão, que o parentesco deve ser colocado em questão, em virtude de que comporta nos fatos uma maior variedade do que - é a isso que ele se refere - o que os analisantes dizem disso. Mas o que é, de toda forma impressionante, é que os analisantes só falam disso. A observação incontestável de que o parentesco tem valores diferentes nas diferentes culturas, não impede que a insistência dos analisantes de falar de suas relações com seus parentes, aliás, próximos, seja um fato que o analista tem que suportar. Não há nenhum exemplo de que o analisante note a especificidade que diferencia sua relação particular com seus parentes mais ou menos imediatos. O fato de que ele só fala disso lhe fecha todas as nuances de sua relação específica. De sorte que *o Parentesco em questão* - obra patrocinada por Needham - coloca, finalmente, em evidência, este fato primordial que é d'alíngua que se trata, que o analisante só fala disso, porque seus parentes próximos lhe ensinaram alíngua. A função de verdade está aqui de algum modo amortecida por alguma coisa prevalente; dever-se-ia dizer que a cultura está aí tamponada, amortecida, e que, neste caso, seria melhor talvez evocar a metáfora - pois "cultura" é também uma metáfora, aquela do agri do mesmo nome. Dever-se-ia substituir ao agri em questão o termo caldo de cultura; seria melhor chamar cultura um caldo de linguagem.

Associar livremente, o que isso quer dizer? É uma garantia de que o sujeito que enuncia vai dizer coisas que tenham um pouco mais de valor? Mas, cada um sabe que a raciocinação, o que assim se chama em psicanálise, tem mais peso que o raciocínio. O que um enunciado tem a ver com uma proposição verdadeira? Seria preciso se esforçar, como enuncia Freud, para ver sobre o que está baseado esta alguma coisa que não funciona senão na usura, na qual está suposta a verdade. Seria preciso se abrir à dimensão da verdade como variável, o que chamarei a *variedade*, com o *é* de *variedade* engolido.

Se um sujeito analisante desliza em seu discurso um neologismo como acabo de fazer, não é um motivo para acreditar-se automaticamente que isso seja o real. O neologismo aparece quando isso se escreve, mas não é

porque isso se escreve que dá peso ao que evocava, há pouco, a propósito do ao pé da letra. Em suma, é preciso levantar a questão de saber se a psicanálise não é um autismo a dois.

Há uma coisa que permite forçar este autismo - é que alíngua é uma coisa comum. É justamente por isso que sou capaz de fazer-me entender por todo mundo aqui. É isto que é a garantia - é por isso que coloquei na ordem do dia na Escola freudiana a transmissão da psicanálise - a garantia que a psicanálise não claudica irredutivelmente neste autismo a dois.

Hegel inventou a astúcia da razão. É uma idéia filosófica. Não existe a menor astúcia da razão. Não há nada de constante, contrariamente ao que Freud enunciou em algum lugar, que a voz da razão era baixa, mas que repete sempre a mesma coisa. A razão só repete as coisas dando voltas. Para dizer claramente, ela repete o sintoma. E o fato de que hoje me apresentei diante de vocês com um sintoma físico não impede que vocês possam me perguntar, com justa razão, se isso não é intencional, se não produzi numa tal tolice de comportamento senão meu sintoma, que apesar de físico, seja entretanto querido por mim. Não há nenhuma razão para se deter nesta extensão do sintoma. Quer se queira ou não, é algo suspeito.

É um fato que as línguas (les langues) - que escrevo *l'élangue* - se alongam ao serem traduzidas uma na outra, mas que o único saber permanece o saber das línguas. O parentesco não se traduz, com efeito, porém ele só tem de comum isto, que os analisantes só falam disso. A tal ponto que o que chamarei nessa oportunidade "um velho analista" se cansou disso.

Porque é que Freud não introduziu algo que ele chamaria o *ele?* (...) É um termo que se faria impor, e se Freud desdenha ao fazer questão disso é exatamente porque ele é egocêntrico. E ainda superegocêntrico. É disso que ele é doente. Ele tem todos os vícios do mestre. Ele não compreende nada de nada. Porque o único mestre é a consciência, e o que ele diz do inconsciente não é mais do que confusão e falação, ou seja, retorno a essa mistura de desenho grosseiro e de metafísica que não vão um sem o outro.

Todo pintor é antes de mais nada um metafísico, na medida em que ele faz projetos - é um rascunhador. Onde os títulos que ele dá aos seus quadros. Mesmo a arte abstrata se consagra (*titrise*), como as outras. Não quis dizer se *intitula* (*titularise*) porque isso não quereria dizer nada. Mesmo a arte abstrata tem títulos, ainda que se esforce em fazê-los tão vazios quanto pode, mas de toda forma, são títulos.

Não fosse isso, Freud teria extraído as conseqüências do que ele mesmo diz - que o analisante não conhece sua verdade porque não pode dizê-la. O que defini como não cessando de se escrever, a saber o sintoma, é aí um obstáculo. Volto a isso - o que o analisante diz, esperando se verificar, não é a verdade, é a *variedade* do sintoma. É preciso aceitar as condições do mental, na primeira fila das quais está a debilidade, o que quer dizer a impossibilidade de se sustentar um discurso contra o qual não há objeção, mental precisamente. O mental, é o discurso. Fazemos o melhor que podemos para ordenar isso, dizendo que o discurso deixa traços - é a história do *Entwurf*. Porém a memória é incerta. Tudo que sabemos, é que há lesões do corpo chamado vivo que causamos, e que suspendem a memória, ou pelo menos não permitem contar os traços que lhe atribuímos quando se trata da memória do discurso.

É preciso levantar estas objeções à prática da psicanálise. Freud era um débil mental - como todo mundo e como eu mesmo, em particular - além disso era neurótico, obcecado pela sexualidade, como se diz. Por que a obsessão pela sexualidade não seria tão válida quanto uma outra - já que, para a espécie humana, a sexualidade é justamente obsessante? Ela é, de fato, anormal, no sentido de que não há relação sexual. Freud, ou seja, um caso, teve o mérito de perceber que a neurose não era estruturalmente obsessiva, que no fundo ela era histérica, quer dizer, ligada ao fato de que não há relação sexual, que isso causa desgosto a algumas pessoas, o que, no mínimo, é um signo, um sinal positivo, que isso as faz vomitar.

É preciso reconstituir a relação sexual por um discurso. Ora, o discurso tem toda uma outra finalidade, do que ao que ele serve em primeiro lugar, ou seja, a ordenar, entendo por isto portar o mandamento, que me permito chamar *intenção do discurso*, já que resta algo de imperativo em toda intenção. Todo discurso tem um efeito de sugestão. É hipnótico. A contaminação do discurso pelo sono mereceria ser destacada antes da experiência chamada intencional, ou seja, considerada como mandamento imposto aos fatos. Um discurso é sempre adormecedor exceto quando não o compreendemos - então ele desperta. Se os animais de laboratório são lesados, não é porque lhes fazemos mais ou menos mal, eles são despertados perfeitamente porque não compreendem o que queremos deles, mesmo se estimulamos o seu pretense instinto. Quando vocês fazem os ratos se mexerem em uma pequena caixa, vocês estimulam seu *instinto alimentar* como se diz, para se referir à *fome*, simplesmente. Em suma, o despertar, é o real em seu aspecto do impossível, que só se escreve à força ou pela força - e é a isto que se chama de contra-natureza.

A natureza, como toda noção que nos chega ao espírito, é uma noção excessivamente vaga. A contra-natureza, para falar a verdade, é mais clara que o natural. Os presocráticos, como os chamamos, tinham uma inclinação pela contra-natureza. É por isso merecido que se lhes atribua a cultura. Seria preciso que eles fossem dotados para forçar um pouco o discurso imperativo, o qual vimos que adormece.

A verdade desperta ou adormece? Depende do tom no qual ela é dita. A poesia dita, é um fato, adormece. E aproveito disto para lhes mostrar o truque que François Cheng cogitou, ele que se chama na verdade Cheng-Tai-Tchen, mas colocou François como uma forma de se absorver na nossa cultura, o que não o impediu de manter muito firmemente o que diz, isto é, a *Escrita poética chinesa*, livro que acaba de ser publicado e do qual eu gostaria muito que vocês pegassem a semente, se vocês são psicanalistas, o que não é o caso de todo mundo aqui.

Se vocês são psicanalistas, verão que o forçamento é por onde um psicanalista pode fazer soar outra coisa que o sentido. O sentido é o que ressoa com a ajuda do significante. Mas o que ressoa, não vai longe, é de preferência fraco. O sentido tampona. Mas com a ajuda do que se chama a escrita poética, vocês podem ter a dimensão do que poderia ser a interpretação analítica.

Certamente, a escrita não é por onde a poesia, a ressonância do corpo, se exprime. Mas é impressionante que os poetas chineses se exprimem pela escrita. É necessário que tomemos, da escrita chinesa, a noção do que é a poesia. Não toda poesia - a nossa especialmente - mas aquela que possamos imaginá-la como tal. Mas, talvez, justamente, vocês sintam nela qualquer outra coisa, como os poetas chineses que não podem fazer de outra maneira senão escrever.

Há algo que dá a sensação de que eles não estão reduzidos a isso, é que eles cantarolam. François Cheng enunciou diante de mim um contraponto tônico, uma modulação que faz que se cantarole isso - porque da tonalidade à modulação, há um deslizamento.

Ser eventualmente inspirado por alguma coisa da ordem da poesia para intervir enquanto psicanalista? É bem nesta direção que é preciso voltar, porque a lingüística é uma ciência muito mal orientada. Ela não se realça a não ser na medida em que um Roman Jakobson aborda francamente as questões de poética. A metáfora, a metonímia, não têm alcance para a interpretação a não ser na medida em que sejam capazes de fazer função de outra coisa, pela qual se unem estreitamente o som e o sentido. É na medida em que uma interpretação justa extingue um sintoma que a verdade se especifica em ser poética. Não é do lado da lógica articulada - ainda que por aí eu deslize na oportunidade - que se deve sentir o alcance de nosso dizer. Não que não haja nada que mereça duas vertentes, o que nós enunciamos sempre, porque é a lei do discurso como sistema de oposições. É isso mesmo o que precisamos ultrapassar.

A primeira coisa seria extinguir a noção do belo. Não temos nada a dizer do belo. É de uma outra ressonância que se trata, a ser fundada sobre o chiste.

Um chiste não é belo. Ele não se sustenta senão de um equívoco ou, como diz Freud, de uma economia. Nada mais ambíguo que esta noção de economia. Porém podemos dizer que a economia funda o valor. Pois bem! Uma prática sem valor, eis o que se trataria para nós de instituir.

Tradução de Jairo Gerbase; 07/01/99.

Revisão de Jairo Gerbase; 17/05/99.